

Contribuições de Pierre Bayle para uma história do ateísmo

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i46.68457>

Resumo: O recurso à história exigido por Bayle é a manifestação absoluta em seus escritos da necessidade de atentar que, em determinadas nações e épocas, a ideia da existência inata de um deus nos homens nem sempre esteve presente. Nesse sentido, se tal ideia e bons costumes nem sempre tiveram uma relação necessária no decorrer dos tempos, pode valer-se de tal argumento para defender os exemplos individuais de ateus virtuosos. Da Antiguidade à Modernidade, o filósofo francês traça um fio condutor comum em que sustentar filosoficamente e moralmente a descrença sempre exigiu um preço alto da parte dos autores que aliam o ateísmo à virtude.

Palavras-Chave: Bayle, Ateísmo, Virtude, Antiguidade e Modernidade.

Pierre Bayle's contributions to a history of atheism

Abstract: The appeal to history demanded by Bayle is the absolute manifestation in his writings of the need to pay attention to the fact that, in certain nations and times, the idea of the innate existence of a god in men was not always present. In this sense, if such an idea and good customs have not always had a necessary relationship over time, one can use this argument to defend individual examples of virtuous atheists. From Antiquity to Modernity, the French philosopher traces a common thread in which sustaining disbelief philosophically and morally has always demanded a high price from authors who combine atheism with virtue.

Keywords: Bayle, Atheism, Virtue, Antiquity and Modernity.

¹ Possui Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Possui doutorado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (2014). É Professor titular do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS). Email: marceloprino_sp@hotmail.com

Las contribuciones de Pierre Bayle a una historia del ateísmo

Resumen: La apelación a la historia exigida por Bayle es la manifestación absoluta en sus escritos de la necesidad de prestar atención al hecho de que, en determinadas naciones y épocas, no siempre estuvo presente la idea de la existencia innata de un dios en los hombres. . En este sentido, si tal idea y las buenas costumbres no siempre han tenido una relación necesaria a lo largo del tiempo, se puede utilizar este argumento para defender ejemplos individuales de ateos virtuosos. Desde la Antigüedad hasta la Modernidad, el filósofo francés traza un hilo conductor en el que sustentar la incredulidad filosófica y moralmente siempre ha exigido un alto precio a los autores que combinan el ateísmo con la virtud.

Palabras Clave: Bayle, Ateísmo, Virtud, Antigüedad y Modernidad.

Recebido em 03/06/2023 - Aprovado em 11/09/2023

Introdução

“L'athéisme seul peut pacifier le monde aujourd'hui”

André Gide, *Journal 1939-1949*.

De uma crítica contundente à superstição, o filósofo de Carla faz com que a questão do ateísmo entre realmente a sério no pensamento moderno, empreendendo a sua tarefa subterrânea de corrosão na esfera da religião e da transcendência. Desde os tempos mais remotos, a opinião de que os cometas são avisos divinos é disseminada pelos escritos de historiadores, poetas e astrólogos. Em contrapartida, o que Bayle indaga é a legitimidade de tais opiniões. A projeção de preconceitos particulares na análise dos fatos históricos inviabiliza a possibilidade de uma reflexão filosófica sobre o fundamento de uma relação de causa e efeito entre a ocorrência de um fenômeno natural e um efeito funesto em decorrência de tal acontecimento². Mesmo apoiada pelo contingente majoritário dos sufrágios, mas ao mesmo tempo baseando-se em julgamentos arbitrários, “uma tradição fortalecida pelo seu testemunho, não estará isenta de falsidade”. (2007, p.

²Para Isabelle Delpla, “a idolatria é um fenômeno projetivo e essencialista, derivado de uma confusão entre natureza e espírito. O princípio geral da idolatria consiste em uma projeção de nós mesmos, de nossas idéias, de nossas paixões e interesses no que cremos ser uma ordem das coisas [...]”. DELPLA, “Le parallele entre idolâtrie et athéisme”. In: DE ROBERT, Philippe. *Op.cit.*, p. 152.

137; OD III[PD], p. 35a)³. Nesse sentido, contribuindo para uma história do ateísmo escalonando autores que estabeleceram um claro e sólido vínculo entre ateísmo e virtude, Bayle se opõe aos detratores da descrença sob dois pontos: primeiramente, apoiando-se nos fatos históricos, os quais mostram que religião e virtude não têm correlação necessária alguma, uma vez que aconteceram tantos crimes religiosos no curso da história; e em segundo lugar, é a própria filosofia que terá um papel de fundamental importância, servindo de instrumento crítico e imparcial, sempre tendo como fim último dissipar a névoa de preconceito que sempre pairou – e parece estar estagnada – sobre a questão do ateísmo.

Quando Bayle recorre à história, evidencia a necessidade de mostrar que a ideia da existência inata de um deus dentre a humanidade nem sempre existiu. Não havendo um conúbio necessário entre uma coisa e outra com o passar dos tempos, o filósofo francês se sustenta em tal argumento para mostrar e defender histórica e filosoficamente os exemplos individuais de ateus virtuosos espalhados em sua obra. Citando autores antigos e modernos, ele pavimenta o caminho para sustentar, em termos filosóficos e morais, que a descrença sempre exigiu um preço alto da parte dos autores que aliam o ateísmo à virtude. Da Antiguidade, traz à tona Diágoras de Melos e Epicuro, apontando que suas respectivas concepções de deuses em nada os desviaram de sua conduta moral e ética. Em relação à Modernidade, Bayle recorre aos pensamentos de Giulio Cesare Vanini e Spinoza, mostrando o quão foram escarnecidos devido a suas opiniões e argumentos heterodoxos no que concerne à necessidade de uma divindade como reguladora moral e parâmetro de bons costumes. A despeito das limitações constatadas nos exemplos dados por Bayle, a ideia principal permanece atual: recorrendo à história e à experiência, ainda é possível acreditar que crer em divindades e agir retamente sempre foram e são coisas compatíveis?

³A obstinação em crer na existência de uma divindade suprema, reguladora do curso da natureza manifesta a obstinação em não querer examinar imparcialmente a possibilidade de um “ateísmo sincero”, mencionado por Labrousse: “Bayle combate com afinco uma primeira posição que consiste em descartar *a priori* a possibilidade de um ateísmo sincero. Ao seu ver, o fato de que existiram homens que ignoraram ou negaram qualquer forma de Providência é solidamente estabelecido pelo exame imparcial dos documentos que dispomos [...] Se alguns teólogos se obstinam tanto em negar a possibilidade do ateísmo, é que essa negação é solidária da demonstração da existência de Deus pelo *consensus* universal ao qual se prendem obstinadamente.” LABROUSSE, Elisabeth. *Pierre Bayle: hétérodoxie et rigorisme*. Paris: Albin Michel, 1996, pp. 104-5.

Diágoras de Melos

Diágoras foi um poeta grego nascido em Melos (465 a.C.[?]) e morto em Corinto (410 a.C.[?]) O conteúdo de sua poesia, mais especificamente no que concerne ao seu ateísmo, foi transmitido por fontes posteriores, e os textos que são ditos de sua autoria são questionáveis por alguns estudiosos do pensamento sofístico. Contudo, a despeito da discussão sobre a autenticidade de seus textos, um epíteto era inseparável do nome de Diágoras, isto é, o de ateu, sendo sua suposta doutrina ou concepção sobre os deuses e religião, somente conhecida por alusões ou anedotas, um *constructo* feito tardiamente por estudiosos de seu pensamento.

Segundo a acusação que seus detratores lhe fizeram, o ateísmo de Diágoras divulgando e debochando dos mistérios de Elêusis teria desencorajado aqueles que queriam ser iniciados nos assuntos divinos. Tido como um fora-da-lei, o Meliano buscou refúgio fora dos domínios de Atenas, e os atenienses, por sua vez, tentaram sem êxito a sua extradição para poder fazê-lo cumprir a pena que lhe fora imposta. Entretanto, qual a relação de seu ateísmo com a sua moralidade? Diágoras estava bem ciente da eficácia social da religião, isto é, crer em deuses “instila no homem um medo do qual a sociedade pode fazer uso” (GOULET-CAZÉ/BRANHAM, 2007, p. 86.) Se o seu ateísmo foi oriundo de um descontentamento com uma experiência pessoal – foi acusado de roubar uma ode e de recitá-la como se fosse sua - percebendo que a providência divina somente recompensa os injustos e condena os justos, tal constatação - suas chamadas “considerações destrutivas”, tradução literal do título em grego de sua obra - em nada o desviam do caminho da moral, pelo contrário, chegou mesmo a ser cogitado para revisar a constituição de Mantinéia, cidade do Peloponeso. Mas, por outro lado, se seu ateísmo foi resultante de sua profanação à divindade, esse episódio mostra, por um lado, como a sociedade grega levava a sério as questões religiosas, não dando margem mínima a um crime de impiedade; mas, por outro, mostra que os tribunais gregos - formados por pessoas comuns e não por quem tinha capacidade para julgar justamente - conduziam os processos sem muito rigor judicial e influenciados por questões pessoais e/ou políticas. Dessa forma, são desses poucos episódios históricos que Bayle se valerá para tecer a sua imagem de Diágoras no *Dictionnaire Historique et Critique*, nos *Pensées diverses sur la comète* e na *Continuation des pensées diverses sur la comète*: o filósofo de Carla colocará o pensador grego no seu escalão dos ateus virtuosos, uma vez que seu ateísmo não foi equivalente à imoralidade.

Na nota C do verbete “Diágoras” do *DHC*, Bayle cita o primeiro motivo que levou o poeta grego a ser um descrente: ele adorava fazer versos e compôs um poema o qual um poeta lhe roubara. Ele levantou um processo quem o roubou e este, por sua vez, mesmo negando que tinha o feito publica a obra, rendendo-lhe grande reputação.

Diágoras entendendo que o poeta tinha sido injusto, não sendo punido pelo plágio e tirando-lhe a glória, afirmou que não há providência divina alguma e, por extensão, a inexistência de deuses (DHC, 1969, V, p. 496). Diágoras só enveredou pelo ateísmo devido à injustiça que sofreu e que tinha uma grande estima por suas obras. Bayle, mesmo questionando se o ressentimento surgido da prosperidade de outrem pode fazer com que se duvide da existência de deuses ou de uma providência divina, lendo a passagem nas entrelinhas, pode-se daí inferir duas coisas: 1) afirmar a inexistência de um deus em nada impede o discernimento do que é justo ou injusto; 2) da mesma forma, não é impeditivo algum para afeiçoar-se ao que é belo e ser sensível à perda de algo que muito se estimava. Tal questão Bayle a aborda em seu aspecto político. Na nota H do verbete, discorre e reflete sobre o episódio da elaboração de leis por Diágoras ao legislador de Mantinéia, região do Peloponeso, não havendo “nada nesta observação que não seja digno de atenção” (DHC, V, p. 500). Bayle, criticando como o fato foi relatado na *História Variada* de Eliano, menciona que as leis dos manteneus eram muito justas e tão boas quanto as de qualquer cidade grega. E, de acordo com o mesmo historiador, a opinião vigente na época tais leis foram redigidas por Diágoras, destinando-as a um amigo seu chamado Nicodoro. Segundo Bayle, afirma que Eliano dissera que poderia perfeitamente louvar Nicodoro pelo feito, mas que não o faria já que os elogios que lhe seriam feitos poderiam correr o risco de serem atribuídos à Diágoras. E qual seria o fato digno de atenção apontado por Bayle logo no início do verbete? Ele diz:

Eis alguma coisa de notável. Um ateu sem desvio nem reserva, que fornece leis a um Estado tão justas como as de Sólon e como as de Licurgo. Do outro lado, eis um padre que se erige como historiador, e que suprime os louvores que Nicodoro muito justamente mereceu; que os suprime, digo, porque a glória repercutiria sobre Diágoras. Não que Diágoras não fosse digno de participar desses elogios, mas ele negava a divindade e, por conseguinte, não precisaria que o historiador fosse imparcial em sua passagem. Precisaria ser prevaricador das leis da história, pois isto roubaria de um ateu o bem que lhe é devido. Espantar-se-ia menos com uma moral tão depravada, se não pensasse que é um padre pagão que a debita. Pobres pessoas! Veem-se como necessárias a Deus: creem que têm necessidade do uso político que fazem de suas injúrias e de seus louvores (DHC, V, p. 500).

Eis o paradoxo: como é possível que um ateu supostamente licencioso e sem escrúpulos pôde tornar-se um conselheiro político, sendo equiparado aos maiores legisladores da história? Bayle é pontual: o elogio de tal feito que seria destinado à Diágoras simplesmente foi repudiado pelo fato de ele ser ateu. A descrença do poeta grego foi o motivo da omissão e da arbitrariedade da parte de um religioso, que querendo declamar-se o historiador, projetou seu preconceito empedernido sobre uma questão de fato. Bayle associa tal procedimento a uma questão de ordem moral: não relatar fielmente o bem proporcionado por alguém, além de violar as leis históricas, é roubar o mérito de quem o obteve por uma determinada ação. O filósofo de Carla vai mais além: o que motiva a omissão de certos fatos históricos é justamente o seu uso advindo de uma instrumentalização apoiada tanto pela religião como pela política, que tem como móbil e fim último unicamente seus interesses particulares e que elogia ou acusa conforme suas conveniências. Bayle assevera que é fato que, no caso de Diágoras, além de ter a mais perfeita noção de honestidade e retidão foi capaz de propor sensatas leis às autoridades políticas de sua época. Não faltou ao poeta de Melos o mais perfeito discernimento entre justiça e injustiça para estabelecer e dar solidez a uma legislação, que é fator fundamental para uma sensata execução das leis. Nesse sentido, se o poeta grego foi o “mais proeminente ateu do quinto século” (BURKERT, 1985, p. 16), suas convicções a respeito da inexistência dos deuses e de uma providência divina em nada o impediram de ser um de conselheiro político, preocupado unicamente com questões importantes para os cidadãos. Nesse sentido, o epíteto de ateu jamais implicou o de ser imoral, e se Bayle o retrata como um ateu virtuoso, o faz por meio de todas as fontes e testemunhos históricos que estavam à sua disposição, na tentativa de desvalidar a fama de depravado que Diágoras obteve ao longo da história.

Epicuro

Nos *Pensées diverses sur la comète*, Bayle aponta para a difamação no decorrer da história da doutrina de Epicuro: segundo a tradição, sua filosofia seria uma apologia do deboche, mergulhada na depravação e incapaz de se pautar pelos bons costumes. Bayle questiona: se supostamente Epicuro equivocou-se em sua concepção de divindade, isto é, um deus que em nada interfere no curso das coisas, qual diferença faria?

[...] Epicuro raciocinava melhor que os outros filósofos. Ele era obrigado a crer que o cuidado com o mundo teria fatigado muito os Deuses, e teria perturbado a sua bem-aventurança. Eles não poderiam corrigir as faltas da matéria,

e, por conseguinte, eles não teriam feito tudo o que queriam fazer. [...] Epicuro estando uma vez enganado com a ideia de felicidade dos Deuses, poderia crer que eles interferissem na conduta das coisas? (*OD III[CPD]*, p. 295a).

Bayle toca em um ponto fundamental: uma concepção heterodoxa de um deus, a qual nega a intervenção divina nos acontecimentos humanos e tampouco entendendo que a alma seja imortal, em nada tais fatores foram um obstáculo para se erigir uma moral sólida, que primasse pela virtude, honra, equidade e sabedoria. Ora, a denúncia de Bayle é clara: o epicurismo foi distorcido e difamado por uma tradição filosófica – a estoica, em particular – que traçou uma imagem bastante infundada tanto de Epicuro como de seus discípulos. Entretanto, se a negação de uma providência divina nas relações entre os homens não pode ser denominada como um ateísmo *strictu sensu* e se o próprio Epicuro afirma claramente a existência e a sua crença nos deuses, como entender que ele como o epicurismo sejam exemplos de um ateísmo virtuoso? Para aumentar ainda mais a suposta dificuldade, na nota C do verbete “Epicuro” do *Dictionnaire*, Bayle diz:

Esse filósofo, não crendo que os deuses se misturassem com os nossos negócios, era suspeito de irreligião: isto o tornava odioso e o expunha à infâmia. Não há nada então mais apropriado para lhe conservar a reputação, do que dizer que desde a sua mais tenra juventude, ele ia ler orações nas casas à serviço de seu próximo. Era um ato de piedade supersticiosa (BAYLE, 1740, p. 364b).

Contudo, logo no primeiro parágrafo do *Éclaircissement sur les athées*, Bayle, quase equiparando o epicurismo ao ateísmo, aponta para o espanto causado pela sua tese que consistia em afirmar que ateus e epicuristas tiveram uma vida regrada, pautada pelos bons costumes e pelos princípios da moral:

Os que se escandalizaram com o que eu disse que existiram ateus e epicuristas que ultrapassaram em bons costumes a maior parte dos idólatras são solicitados a bem refletir sobre todas as considerações que eu proponho. Se o fizerem, seu escândalo esvanecer-se-á e desaparecerá inteiramente (2010, p. 14; 1740, p. 627).

Convocando seus leitores a um exame de suas proposições já expostas em seus *Pensées diverses sur la comète* sobre o paralelo entre o ateísmo e a idolatria, Bayle afirma que uma boa e acurada reflexão sobre cada um de seus argumentos favoráveis à figura do ateu virtuoso, afastará todo o espanto causado por sua tese supostamente extravagante. Se Bayle investigou através da história e mostrou que existiram ateus que tiveram bons costumes, tal recurso foi absolutamente necessário para fundamentar seus argumentos, e, da mesma forma, devido ao escândalo causado por suas teses, para retratar-se devido às inúmeras omissões e recortes tendenciosos que fizeram de certas passagens dos *Pensées diverses*. A parte específica sobre os autores que negaram a providência ou a imortalidade da alma – que é o caso de Epicuro especificamente – tiveram uma conduta reta e virtuosa foi tida como subversiva, o que levou Bayle a alertar seus leitores a respeito de determinadas apreciações. Ora, mas se o filósofo francês apresentou tais argumentos, foi porque a razão e a história necessariamente o levaram a relatar que a negação de um deus intervencionista nem sempre foi equivalente à licenciosidade. No caso de não terem sido suficientes os testemunhos anteriores favoráveis à doutrina de Epicuro, Bayle vale-se de três autores que praticamente mantiveram vivo o legado epicurista e o transmitiram através dos tempos: Diógenes Laércio, em sua *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, dedica o último livro a Epicuro, permeado de notas que esclarecem e polemizam pontos de ordem biográfica e doutrinária do autor; Lucrécio, em seu *De natura rerum*, obra composta de poemas que, longe de ser uma paráfrase inautêntica das teses epicuristas, desenvolve por conta própria algumas das ideias mais importantes de Epicuro; e Gassendi, que praticamente promoveu o “renascimento” das obras de Epicuro na Modernidade com seu *Animadversiones in decimum librum Diogeni Laertii qui est de vita, moribus, placitisque Epicurii* (*Refutações ao livro décimo de Diógenes Laércio sobre a vida, costumes e preceitos de Epicuro*) em 1649. São essas fontes que permitem Bayle mostrar que a doutrina do próprio Epicuro e o epicurismo posterior sempre mantiveram seus preceitos, a despeito das inúmeras distorções textuais efetivadas por detratores que não viam com bons olhos a doutrina do pensador grego, entendendo-a como um perigo iminente à moralidade e aos bons costumes, já que “Epicuro, que o Poeta Lucrécio, Plínio negaram a Providência. Mas como se pode dizer isso? Não eram eles mais virtuosos que a maior parte dos Pagãos mais crédulos?” (*OD III[CPD]*, p. 324*a*). Assim, se Bayle reabilita Epicuro, é para dar-lhe uma nova veste, equiparando à sua crítica do intervencionismo divino a um ateísmo virtuoso, que permite “quebrar o liame tradicional entre religião e moral” (PAGANINI *apud* BAHHR, 2009, p. 408).

Giulio Cesare Vanini

São raríssimas as alusões de Bayle a Vanini, e as citações diretas dos próprios textos vaninianos é praticamente nula. Tal fato dá ensejo a diversas complicações sobre a interpretação bayleana no que concerne ao ateísmo virtuoso de Vanini, pois Bayle fala de “Vanini, mas *qual* Vanini?” (FOUCAULT, 1999, p. 229, grifo meu). Ou seja, Bayle não citando em parte alguma as próprias passagens dos textos do filósofo italiano, fiou-se em fontes deveras suspeitas sem preocupar-se com sua veracidade histórica, erigindo uma imagem do filósofo napolitano mesmo faltando-lhe provas contundentes, ignorando “os textos de um autor que ele erige, porém, como figura edificante.” (*Id. Ibid.*, p. 240). Entretanto, se um autor tão erudito e acurado como Bayle simplesmente não se preocupa com a autenticidade histórica de seus argumentos para dar força à sua tese de que Vanini foi um ateu virtuoso *tout court*, longe de tal falta ser um obstáculo à imagem que ele forjou sob sua pena, “este tropeço a propósito de Vanini, contudo, não manchou a reputação de Pierre Bayle, a qual, no conjunto da obra, é verdade, pende a seu favor” (*Id. Ibid.*, p. 238.) Em outras palavras, as breves alusões de Bayle, além de proporcionar uma nova imagem do pensador napolitano para a posteridade, dá uma verdadeira dignidade filosófica e moral ao ateísmo.

Bayle em suas *Entretiens de Maxime et Thémiste ou réponse à l'examen de la théologie de Mr. Bayle par Mr. Jaquelot* – 1705 – na boca de Thémiste afirmou que Jaquelot fez duras críticas à Bayle sem necessidade alguma movido pela sua má fé, todavia, seu mérito teria sido provar que o que o filósofo francês falou de Vanini não se sustenta quando se recorre aos fatos. Bayle supostamente teria a vontade de estender-se mais sobre o assunto e corrigir o seu erro em um verbete dedicado ao filósofo italiano em seu *Dictionnaire*.

Se ele [Jaquelot] conseguiu alguma coisa, foi ter provado que Sr. Bayle falou de Vanini sem se informar do fato. Foi nos Pensamentos diversos sobre os Cometas, obra composta em 1681, quando Bayle tinha pouco lazer e poucos livros. Em seguida, ele conheceu esta falta no tocante à Vanini, e, entretanto, ele a deixou em todas as edições seguintes: ele não quis nem corrigi-las, nem aumentá-las, porque querendo mudar, na data de 1681, as cartas que a Obra é composta, ele acreditou que agiria mais sinceramente com seus leitores, se neste ano ela não fosse feita com conhecimento que ele então não tinha e que os adquiriu durante os anos: uma razão particular o obrigava a não corrigir a falta concernente à Vanini: é que ele tinha o projeto de conceder um longo

artigo a esse homem em seu Dicionário (OD IV[EMT], p. 104b).

É sabido que este verbete supramencionado nunca veio à tona, limitando-se à vontade de Bayle redigi-lo com maiores detalhes acerca da doutrina, costumes e condenação de Vanini. *Nos Pensées diverses*, o filósofo napolitano é tratado como o “mártir do ateísmo”, resistindo bravamente à sua sentença e levando sua descrença até o fim, incondicionalmente:

Quando considero que o ateísmo teve mártires, eu não duvido mais que os ateus não tenham uma ideia de honestidade que tem mais força sobre seu espírito do que o útil e o agradável. Pois, de onde vem que Vanini indiscretamente divertiu-se em dogmatizar diante das pessoas que podiam levá-lo à justiça? Se ele buscasse somente a sua utilidade particular, devia contentar-se de desfrutar tranquilamente de uma perfeita segurança de consciência sem se preocupar em ter discípulos. É preciso então que ele tivesse vontade de tê-los, e isto ou a fim de se tornar chefe de partido ou a fim de livrar os homens de um jugo que, a seu ver, os impedia de se divertirem à vontade (2007, p. 383; OD III[PD], p. 117a.)

Conforme a passagem citada, o que teria levado Vanini a proferir abertamente as suas convicções ateias foi a ideia de honestidade que predominava em seu espírito, acima de qualquer anseio particular, não temendo ser levado às autoridades por impiedade. Se ele quisesse somente tivesse agido em prol de sua vontade ou utilidade individual, poderia perfeitamente guardar para si seu ateísmo, não tendo vontade alguma de disseminá-lo e obter discípulos para a sua doutrina. Mas das duas uma, segundo Bayle: ele agira temerariamente ou para tornar-se chefe de partido, mártir e obter discípulos para manter vivo o seu pensamento, ou o fizera para livrar os homens dos grilhões do dogmatismo que os impedia de levar uma vida mais humana. Insistindo mais sobre o suposto martírio de Vanini, Bayle afirma que se o mesmo teve a intenção de ser o porta-voz do ateísmo, ele o fez não devido aos prazeres corporais tampouco por motivos financeiros, mas por honestidade:

Se ele quis se tornar chefe de partido, é um sinal de que ele não observava os prazeres do corpo nem as riquezas como seu único fim, mas que trabalhava pela glória. Se ele quis livrar os homens do medo dos Infernos os quais ele acreditava que eram importunados erradamente, é um signo de que ele se acreditou obrigado a render serviço a seu próximo e que julgou honesto trabalhar por nossos semelhantes não somente em nosso prejuízo, mas também em perigo de nossa vida (PD, 2007, p. 383; OD III[PD], p.117ab.)

Se a crítica à Bayle é que ele não foi fiel nem ao texto nem à biografia de Vanini, se olharmos melhor a passagem, ele sempre põe uma partícula condicional, isto é, “se” Vanini quis agir de tal ou tal forma, e não por afirmações categóricas. Não sendo possível – e isso devidamente mostrado pelos estudiosos de Vanini, contudo, não sendo especialistas em Bayle e, por vezes, negligentes em aproximar os dois autores em termos de crítica à religião e à sua instrumentalização política, à superstição, aos milagres, à opinião vigente, etc. – enquadrar o filósofo italiano na categoria de “mártir” do ateísmo, é possível entrever os pontos comuns em ambos os autores: 1) a subversão textual, à medida que seus textos⁴ contêm teses escandalosas para sua época, valendo-se de simulações e, conseqüentemente, de dissimulações, para apresentarem seus argumentos; 2) Vanini com seu ateísmo oriundo de seu racionalismo naturalista e Bayle com a sua tese da perfeita associação entre ateísmo e virtude; 3) a crítica do erro, isto é, se a intenção de Vanini foi de livrar os homens do erro por meio da filosofia, foi devido a estar situado em um contexto ortodoxo, que não hesitava em censurar obras que tivessem o menor resquício de ateísmo ou heterodoxia; 4) se o final de Bayle não foi trágico como o de Vanini, seus *Pensées diverses* não foram de bom grado aceitos pela comunidade acadêmica tampouco por seus compatriotas de refúgio. Lembremos que Jurieu estava no seu encaço, fazendo-o comparecer ao consistório de Roterdam e permanecer em uma longa contenda sobre suas afirmações favoráveis ao ateísmo. O equívoco cometido por Bayle foi claro, isto é, não fundar suas argumentações sobre os próprios textos de Vanini, e isso seus críticos souberam com erudição e afincos constatar. Entretanto, aproximar ambos no que concerne a uma imagem positiva do ateísmo, e mais ainda, ver o esforço intelectual

⁴ Em seu *Anfiteatro da eterna providência divino-mágico, cristão-físico e astrológico-católico contra os antigos filósofos, ateus, epicuristas, peripatéticos e estoicos* e o diálogo intitulado *Os maravilhosos segredos da natureza, rainha e densa dos mortais*.

de Bayle em praticamente resgatar Vanini do ostracismo e erigi-lo como um exemplo de que o ateísmo é uma posição filosófica tão consistente como qualquer outra.

Spinoza

Bayle elege Spinoza como o seu maior exemplo, como o “caso limite do ateu virtuoso.” (VERNIERE, 1954, I, p. 31). Desde os *Pensées diverses* até à *Réponse*, o filósofo de Carla não hesita em ver o autor da *Ética* como a figura típica do ateísmo virtuoso, sendo um homem, honesto, discreto e voluntarioso. Não sem ironia, se Spinoza supostamente era ateu, mas com uma conduta irreprovável, Bayle afirma: “Isto é estranho, mas, no fundo, não é preciso mais espantar-se em ver pessoas que vivem muito mal ainda que tenham uma plena persuasão do Evangelho” (DHC, 1740, p. 257; 1983, p. 23). Esta passagem, referindo-se ao aspecto propriamente moral da *persona* Spinoza, porém, não é o julgamento de Bayle quanto ao *filósofo Spinoza*. Bayle dedica quase que todo o seu verbete do *Dictionnaire*, a apontar as contradições da noção de substância spinozista explanada na parte V do livro I da *Ética*, entendendo que “é a mais monstruosa hipótese que se possa imaginar, a mais absurda, e a mais diametralmente oposta às noções mais evidentes de nosso espírito” (*Id. Ibid.*, p. 258; *Id. Ibid.*) Em suas apreciações, Bayle não foi poupado de críticas, chegando-se mesmo à conclusão de que ele nada entendeu da filosofia de Spinoza. Entretanto, se Bayle tem suas limitações quanto ao aspecto metafísico da problemática, até mesmo falando com um certo dogmatismo contra Spinoza e o spinozismo em geral, no que concerne à moral do pensador holandês, Bayle, desde os *Pensées diverses sur la comète*, mantém a mesma ideia: não incorrendo em uma descontinuidade, e sim, em “uma consequência necessária de seu racionalismo moral” (MORI, 1996, p. 345), o filósofo de Carla pode sustentar a sua tese do ateísmo virtuoso, tendo como seu apogeu máximo a figura de Spinoza. Ou seja, se *filosoficamente* Bayle condena o autor da *Ética*, *moralmente* o eleva ao rol dos ateus virtuosos. Nos *Pensées diverses*, Bayle aí fornece um primeiro retrato: um Spinoza vaidoso, que à beira da morte não quisera que ninguém o visitasse, com receio de que, em seu estado torpe, incorresse em contradição com seus princípios:

Sentindo-se perto de seu fim, ele fez vir sua anfitriã e pediu para impedir que nenhum ministro o visse neste estado. Sua razão era, como se soube de seus amigos, que ele queria morrer sem disputa e que temia cair em alguma fraqueza de sentido que lhe fizesse dizer alguma coisa da qual se tirasse vantagem contra seus princípios. Isto é, que ele temia que se debitasse no mundo que, à vista de sua morte, sua

consciência sendo revelada o tivesse feito desmentir sua bravura e renunciar seus sentimentos. Pode-se ver uma vaidade mais ridícula e mais ultrajante do que essa, e uma mais louca paixão pela falsa ideia que se fez da constância? (PD, 2007, p. 382; OD III[PD], p. 117a.)

De acordo com a descrição de Bayle, Spinoza quase moribundo, queria permanecer firme em suas convicções, mas devido à sua debilidade física, vetou toda e qualquer testemunha de sua decrepitude com receio de que alguém pudesse fazê-lo cair em contrassensos no que concerne aos seus princípios. O outro fator é que uma vez uma contradição proferida poderia ser divulgada a todos, o que macularia a sua imagem de um pensador corajoso e que não abdicava do que lhe ditava a consciência. Se para Bayle isso é uma vaidade sem precedentes, oriunda de uma paixão que fez Spinoza equivocar-se a respeito do que seja permanecer firme em uma opinião mesmo à beira da morte, o testemunho de Bayle não é muito fiável, pois o que soube foi dos mais próximos de Spinoza, devido ao seu desconhecimento de biografias mais precisas sobre o filósofo. Contudo, é importante apontar em qual contexto a passagem acima está situada, pois é o desenvolvimento do argumento clássico de Bayle, isto é, que os homens não agem segundo os seus princípios (PD §181). Se a postura de Spinoza no fim de sua vida foi a de obter alguma glória, assim como a de alguns autores pagãos antigos, e se no anseio de tal obtenção, por vezes enveredaram pelo caminho da virtude, “qual razão se tem de negar que os ateus aí possam chegar?” (Id. *Ibid.*; Id. *Ibid.*) Na verdade, segundo Bayle, o desejo e a subsequente obtenção de alguma glória póstuma não excluem a ideia de honestidade, o que colocaria em xeque a própria passagem supracitada, mostrando um Spinoza “vaidoso” mesmo estando recluso. Em outros termos, a imagem do Spinoza ateu virtuoso já estava traçada nos *Pensées diverses*, somente sendo cada vez mais reforçada em suas obras posteriores.

Nas *Additions aux Pensées diverses*, Bayle defende mais abertamente Spinoza. Respondendo a uma objeção de Jurieu a respeito de que se em uma sociedade de ateus podem ser estipuladas leis de conveniência e de honra, o filósofo de Carla evoca Spinoza, afirmando que ele, a despeito do que creia ou deixe de crer, pode muito bem reter em seu espírito as noções de honra, glória e quaisquer outras como qualquer devoto:

Resta-me somente dizer que o delator testemunha aqui uma crassa ignorância, o que eu então quero atribuir à impetuosidade furiosa com a qual ele buscava impiedades. Zangado por não encontrar reais, ele forjou quiméricas para

não perder toda a sua sentença. As pessoas de bom senso jamais poderão duvidar que um homem não seja sensível ao louvor e ao desprezo, quaisquer que sejam, aliás, suas opiniões sobre a Providência? Por ignorar que aí tenha um Deus, cessa-se de amar a si mesmo, cessa-se de ser vão, cessa-se de odiar seus inimigos, cessa-se de amar ser louvado? Retém-se então as ideias de honra e de infâmia do mundo: compreende-se que é mais belo ser louvado do que ser censurado; que um ingrato merece nosso ressentimento? Que um benfeitor é mais digno de nossos serviços do que aquele que nos trai. Eu desafio meu delator a produzir um homem de julgamento, que proteste que ele crê que Spinoza não acha mais gloriosa a aprovação dos Sábios do que a dos ignorantes” (OD III[APD], p. 175b).

A resposta de Bayle à Jurieu não poderia ser mais contundente: mesmo que não haja um deus ou que não exista providência alguma, as mesmas noções podem ser entendidas e adotadas por toda a humanidade. A ignorância de seu delator está em não observar a natureza humana e nem o curso dos fatos, querendo encontrar impiedade em argumentos baseados na experiência. A descrença nunca foi fator impeditivo de se prezar a si mesmo, de não perder tempo com querelas, de obter glória honestamente e de repudiar os opositores. O exemplo de Spinoza mais uma vez é paradigmático: se é visto como um ateu, porém, possui as mesmas noções de honra e glória e as põe em prática como qualquer outra pessoa. Bayle o insere na discussão estrategicamente para arrematar o seu argumento, pois se Spinoza é um ateu especulativo – o que para Bayle é inaceitável filosoficamente – na práxis ele não deixar de guiar-se por princípios partilhados pelos seus pares e, logo, não merecendo ser condenado moralmente por suas convicções filosóficas. Se Spinoza acha mais louvável a aprovação dos sábios do que a dos ignorantes, é porque Bayle sabe bem quem são os arautos da ignorância: são aqueles, que sem exame prévio algum, condenam o ateísmo em nome de um moralismo ortodoxo, mas questionável e sempre suscetível de ser refutado. O critério da crença, para avaliar a moralidade de um indivíduo está longe de ser o critério determinante e Bayle, em todos os momentos de seus escritos quando cita Spinoza como contraexemplo – como com os outros que ele exemplificou como ateus virtuosos – levanta uma discussão crucial: pior do que entender e propagar que crer em um deus ou em uma providência é fator imprescindível para se agir moralmente, é justamente condenar na prática e sob todas as formas possíveis em nome dessa descrença, como foram os próprios casos de Vanini,

Bayle e Spinoza na Modernidade. Dessa maneira, ao invés de dissociar a figura do filósofo Spinoza do homem Spinoza, ao final, Bayle efetiva a transição de uma a outra, pois a concepção de natureza espinosista, anti-providencialista, demonstra que a razão está em plena consonância com a virtude e com a moral. Em outras palavras, o próprio Paul Vernière, que defende a tese de que a opinião de Bayle sobre Spinoza nos *Pensées diverses* destoa absolutamente da que foi afirmada no *Dictionnaire*, assevera que “nada falta então a este retrato do sábio moderno, deste ateu paradoxal que acrescenta aos prestígios da inteligência as virtudes morais” (1954, I, pp.32-33). Logo, a imagem de ateu de sistema não se afasta, mas complementa a do ateu virtuoso: o sistema filosófico de Spinoza estando em plena consonância a virtude e as regras da moral mostra que a “dualidade” de Bayle sobre o autor da *Ética* não tem mais sentido. Se o filósofo francês era “spinozista sem o saber” (MORI, 1999, p. 173), ou se “por toda a sua vida, Bayle é ligado à Spinoza” (VERNIÈRE, *op.cit.*, p. 292) o que importa aqui é a inversão da sua imagem efetivada por Bayle diante de seus opositores: a despeito das afirmações ortodoxas contra a filosofia de Spinoza, principalmente no artigo do *Dictionnaire* – que podem constituir uma opinião isolada das outras menções feitas à Spinoza em suas outras obras, já que Bayle fez uma versão holandesa do verbete em 1698, impressa pelo livreiro F. Halma em Utrecht – desde seus primeiros escritos até os mais tardios. Se Bayle foi “o primeiro a dar dignidade e nobreza ao novo libertino” (VERNIÈRE, 1954, I, p. 28), o retrato do filósofo holandês como um ateu virtuoso foi cada vez mais fortalecido e deixou o seu legado para o século seguinte, o das *Lumières*, que levou às últimas consequências e radicalizou ainda mais esta imagem bayleana de Spinoza.

À Guisa de conclusão

Longe de ser uma obra panorâmica como a *História do Ateísmo* de Georges Minois ou *uma Breve história do ateísmo ocidental* de James Thrower⁵, as reflexões filosóficas de Bayle, de certa maneira, permitem traçar um recorte e um esboço de alguns elementos que apontam para uma contribuição a uma história do ateísmo – e ainda aqui não tratamos de mais um autor tido por Bayle como um ateu virtuoso, a saber, o filósofo alemão do século XVII Matthias Knutzen, em um discreto verbete do *DHC* – atendemos a quatro autores trazidos à tona por Bayle na totalidade de seus escritos, sendo dois da Antiguidade e dois modernos. Em um olhar crítico sobre a história, passa em revista a questionável e imposta equação entre acreditar em um deus e possuir uma moral incólume, quando erige sob sua pena o conceito de ateísmo virtuoso na Modernidade.

⁵ Dentre outras obras. Em sua maioria, são bastante limitadas no que concerne a uma concepção rigorosa de ateísmo, colocando na mesma seara autores ateus propriamente e autores que tinham, no máximo, opiniões heterodoxas sobre a existência e providência de uma divindade, por exemplo.

Desconstruindo determinados discursos filosóficos, políticos, históricos, sociais, religiosos, morais e éticos tradicionais que sustentavam com insistência – e ainda sustentam nos dias atuais - que descrentes eram – são - seres destituídos de virtude e incapazes de se integrarem em uma comunidade social e política, Bayle inverte os termos do debate: afirma com clareza e solidez que ateus são perfeitamente capazes de se conduzirem pela reta razão e pela virtude, dispensando total e absolutamente regredirem as suas vidas por divindades que não passam de nomes destituídos de portador e criados por convenção através da linguagem. Mesmo somente com exemplos pontuais, a proto-história do ateísmo bayleana teve a sua influência na posteridade, rendendo frutos para poder continuar a ser contada: com o personagem Wolmar n’*A Nova Heloísa* de Rousseau, no *Sistema da Natureza* de Holbach, na filosofia materialista exposta nos romances de Sade, nos escritos filosóficos, políticos e morais de Bertrand Russell, no existencialismo ateu de Sartre. Assim, quando Bayle concede um *status* filosófico e moral ao ateísmo, depura e combate todo tipo de (pré)conceitos desde a Modernidade através dos exemplos de ateus virtuosos existentes no decorrer da história.

Referências

- BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.]
- _____. *Continuation des pensées diverses, écrites a un Docteur de Sorbonne, à l’occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre de 1680 ou Réponse a plusieurs difficultez que Monsieur *** a proposées à l’Auteur*. Amsterdam: Herman Uytwerf, tome II, s.d.p. (versão fac-símile)
- _____. *Correspondance*. Oxford: Voltaire Foundation, 2007-2010.
- _____. *Dictionnaire Historique et critique*. Amsterdam, Leyde, La Haye, Utrecht, 1740, 5^{ème} Edition, 4 vols. In-folio. [Edição fac-símile.]
- _____. *Dictionnaire Historique et Critique*. Genève: Slaktine Reprints: 1969.
- _____. *Dictionnaire historique et critique*. (Éd. Alain Niderst.) Paris: Éditions Sociales, 1974
- _____. *Écrits sur Spinoza*. Paris: L’Autre Rive, 1983.
- _____. *Escritos sobre Spinoza y el spinozismo*. Madrid: Trotta, 2010.
- BURKERT, Walter. *Greek religion*. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1985.
- BAHR, Fernando. “Bayle et l’éthique épicurienne”, in: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

-
- DELPLA, Isabelle, ROBERT, Philippe de. *La raison corrosive: études sur la pensée critique de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2003.
- FOUCAULT, Didier. *Un philosophe dans l'Europe baroque: Giulio Cesare Vanini (1585-1619)*. Paris: Honoré Champion, 2003.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile. *Le cynisme ancien et ses prolongements*. Actes du colloque International du CNRS (Paris 22-25 juillet 1991). Paris: PUF, 1991.
- LABROUSSE, Elisabeth. *Pierre Bayle: hétérodoxie et rigorisme*. Paris: Albin Michel, 1996.
- MORI, Gianluca. “Baruch de Spinoza: athée vertueux, athée de système”, in: *BOTS, Hans. Critique, savoir et érudition à la veille des Lumières: Le Dictionnaire Historique et Critique de Bayle (1647-1706)*. Amsterdam & Maarsen: APA-Holland University Press, 1996, pp.341-358.
- _____. *Bayle philosophe*. Paris: Honoré Champion, 1999.
- PAGANINI, Gianni. “Pierre Bayle et le statut de l’athéisme scéptique”. In: *KRITERION*. UFMG: Belo Horizonte, 2009.
- VERNIÈRE, Paul. *Spinoza et la pensée française avant la Révolution*. Paris: Puf, 1982, 2 vols.